

NOVOS ESCRIBAS PARA UMA NOVA REALIDADE: MINISTÉRIO PASTORAL À LUZ DO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Carlos Henrique Machado¹

RESUMO

Entre as características próprias do Evangelho de Mateus quando comparado com os outros Evangelhos, temos o uso da expressão “Reino dos Céus” e um uso diferenciado do termo “escriba”. Há quem entenda que Jesus estaria se referindo ao ministério pastoral quando falou de “escriba instruído no Reino dos Céus”. No entanto, este artigo mostra que cada discípulo de Jesus é um “escriba instruído no Reino dos Céus” e introduz algumas consequências dessa interpretação para a prática pastoral.

PALAVRAS-CHAVE

Evangelho de Mateus; Reino dos Céus; escriba; ministério pastoral.

INTRODUÇÃO

O ministério pastoral encontra novos desafios em cada época. Em 1987, um então pastor presbiteriano escreveu um pequeno livro com o título “Novos ministros para uma nova realidade” (D’ARAÚJO, 1987). Nesse livro ele compartilhava as

¹ Mestre em Novo Testamento, Professor de Grego no Seminário Presbiteriano do Sul e Diretor do SPS.

suas ideias de como alguém deveria desenvolver o ministério pastoral no final do século 20.

Embora seja importante lermos a nossa época para aprimorarmos a nossa prática ministerial, a principal abordagem do presente artigo é outra. Nele, trabalhamos com a nova realidade do Reino dos Céus apresentada por Mateus em seu Evangelho. Mostraremos que, por causa dessa nova realidade, Mateus descreve Jesus preparando novos escribas. Isso foi necessário porque os escribas judeus não compreendiam as Escrituras de maneira que atendessem a essa nova realidade.

Por fim, veremos algumas propostas práticas para o ministério pastoral decorrentes do ensino de Jesus em Mateus. Propostas que podem e devem ser trabalhadas em cada época e cultura conforme as suas realidades.

1 REINO DOS CÉUS, UMA NOVA REALIDADE

Durante séculos Deus revelou a sua Palavra ao seu povo. Trinta e nove livros que registravam desde a criação dos céus e terra até alguns anos depois da libertação do povo de Deus do cativeiro babilônico. Havia textos em forma de narrativa e de poesia; história, sabedoria, orações e profecias. Alguns para serem lidos, outros para serem cantados. Uns falavam do passado, outros apontavam para o futuro.

Como Senhor da criação, Deus era reconhecido por seu povo como o rei da glória (Sl 24). Assim, o povo de Israel cantava e chamava os outros povos para (re)conhecerem o Deus de toda a terra

(Sl 47). Quando Israel vencia uma batalha, o portador das boas-novas da vitória corria para anunciar a Sião: “O seu Deus reina!” (Is 52.7, *in fine*).²

No entanto, as páginas finais do Antigo Testamento, seja na coleção hebraica, que encerra com 2Crônicas, seja na coleção grega, que encerra com Malaquias, apontam para uma esperança ainda não concretizada: a restauração do reino de Israel.

O livro das Crônicas encerra com o decreto de Ciro, rei da Pérsia, autorizando o retorno dos israelitas que desejassem reconstruir o templo do Senhor em Jerusalém. Malaquias termina o seu livro profetizando a vinda de Elias pouco antes do “terrível Dia do Senhor” (Ml 4.5). Mas, os poucos livros do Antigo Testamento que contêm palavras e feitos posteriores a esses dois registros não apresentam a restauração do reino de Israel.

Alguns séculos depois, Deus concede ao seu povo novas revelações escritas. Cartas, quatro narrativas do evangelho de Jesus, o livro de Atos dos Apóstolos e o Apocalipse. Por que Deus deu esses novos textos? Ele os deu porque os eventos narrados nos primeiros cinco livros e anunciados e explicados nos demais mostram que as promessas começaram a ser cumpridas. Deus continua reinando e seu reino foi manifestado de uma forma mais palpável na pessoa e obra de seu filho, Jesus Cristo. Ainda, a promessa é esclarecida e tem o seu alvo redirecionado: não era

² Os textos bíblicos citados neste artigo são retirados da Nova Almeida Atualizada, tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Revista e Atualizada, 3ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

simplesmente a restauração do reino de Israel, mas a manifestação do Reino de Deus.

Entre esses livros, o Evangelho Segundo Mateus se destaca quanto ao tema “reino”. Das cento e vinte e seis vezes que a palavra βασιλεία (reino) é utilizada nos quatro Evangelhos, cinquenta e cinco estão em Mateus.³ E, em mais de trinta vezes, o evangelista o identifica como “Reino dos Céus”, expressão usada por Jesus; enquanto os outros sinóticos usam a expressão “Reino de Deus”, como que traduzindo o termo para os seus públicos formados por não judeus (VOS, 2005, pp. 32 e 33).

Quando comparamos o início e o final de Mateus, observamos que um de seus temas é que Jesus é o “Deus conosco” (cf. Mt 1.23 e 28.20), o rei entre nós. Logo, o reino chegou mais próximo. O reino está sobre nós (Mt 12.28). As curas, exorcismos e o perdão dos pecados são sinais visíveis da chegada do reino. Uma nova realidade está presente.

Mateus prepara a pessoa que lê a sua obra para essa nova realidade já no primeiro versículo, ao iniciar propositalmente com Βίβλος γενέσεως (“Livro da genealogia”), frase usada duas vezes na LXX (Gn 2.4; 5.1) (FRANCE, 2007, p. 26). Dessa forma mostra que dará continuidade ao registro do Antigo Testamento, apresentando alguém que é descendente de Davi, o rei (Mt 1.1, 6), e de Abraão, o patriarca (Mt 1.1). Ambos, Abraão e Davi, personagens chaves na

³ Pesquisa feita com o programa Logos, da *Faithlife*.

história da salvação, com quem Deus havia feito alianças (Gn 17.1,2; 2Sm 7.1-16). De Abraão viria o seu povo, de Davi, o seu rei.

A limitação deste artigo impede que desçamos a detalhes, mas observe a quem os magos buscam em Mt 2.1ss: “o recém-nascido Rei dos judeus” (vs. 2). Pouco depois, temos a pregação de João: “Arrependam-se, porque está próximo o Reino dos Céus” (Mt 3.2). Pregação idêntica à de Jesus (Mt 4.17) e à de seus apóstolos (Mt 10.7).

A expressão “Reino dos Céus” também está nos cinco discursos de Jesus em Mateus.⁴ Por exemplo, Jesus abre o primeiro discurso com um conjunto de bem-aventuranças, onde destaca a alegria que seus seguidores terão de participarem do Reino dos Céus. Ele faz isso ao proclamar uma sequência de oito ditos curtos, compostos de duas frases: a primeira inicia com a expressão μακάριοι (bem-aventurados) e a segunda com a conjunção ὅτι (porque). Do primeiro ao sétimo, a segunda frase é diferente. Porém, ao chegar ao oitavo dito, ele repete o que disse no primeiro: “porque deles é o Reino dos Céus” (vv. 3 e 10). A sequência então é quebrada

⁴ Há cinco grupos de discursos de Jesus em Mateus: cc. 5 a 7; c. 10; c. 13; c. 18; cc. 23-25. Observe que cada um deles tem uma fórmula semelhante no final (7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1), sendo que no último Mateus escreve Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς πάντα τοὺς λόγους τούτους (“E aconteceu quando Jesus terminou todos esses ensinamentos...” – minha tradução, pois a NAA omitiu a tradução de πάντα). Com essa declaração final, Mateus encerra os principais discursos de Jesus e prepara o seu leitor para a Grande Comissão dada por Jesus (Mt 28.18-20, com destaque para o vs. 20: “ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês”).

com a última bem-aventurança que tem uma estrutura diferente das anteriores.

No segundo discurso, quando Jesus envia os doze apóstolos, eles deviam anunciar que o Reino dos Céus estava próximo (Mt 10.7); o terceiro discurso é composto de parábolas que explicam o Reino dos Céus para os discípulos (Mt 13.11, 24, 31, 33, 44, 45, 47); o quarto discurso responde à pergunta “Quem é o maior no Reino dos Céus?” (Mt 18.1), encerrando com uma parábola que revela a realidade misericordiosa e justa do Reino dos Céus (Mt 18.23ss); e, o quinto discurso conclui com uma série de três parábolas sobre a consumação do Reino dos Céus (Mt 25).

Entre outras relações que podemos encontrar nesses discursos, há a referência explícita a escribas no primeiro, terceiro e quinto discursos. E, sempre, a referência a escribas tem relação com o “Reino dos Céus”.

No primeiro discurso, ainda nas palavras iniciais do discurso, Jesus fala que, para entrar no Reino dos Céus é necessário observar (fazer/cumprir) e ensinar os mandamentos da Palavra, o que significa exercer a justiça⁵ além do que os escribas e fariseus exerciam (Mt 5.19-20).

O terceiro discurso é encerrado com a seguinte afirmação: “Por isso, todo escriba instruído no Reino dos Céus é semelhante a

⁵ Quanto à “justiça” como outro tema importante em Mateus, veja a breve devocional de Ciampa, Roy E. “Learning from Joseph’s Righteousness (Matthew 1:19)”, in *Devotions on the Greek New Testament: 52 Reflections to Inspire & Instruct*, org. Verlyn D. Verbrugge e Scott J. Duvall. Grand Rapids: Zondervan, 2012; página 15.

um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mt 13.52).

No quinto discurso, Jesus repreende os escribas e fariseus porque fechavam o Reino dos Céus para as pessoas (Mt 23.13)⁶ e afirma que enviaria profetas, sábios e escribas, os quais seriam rejeitados (Mt 23.34).

Assim, os discípulos de Jesus devem exercer a justiça além dos escribas e fariseus descritos no Evangelho de Mateus (especialmente no capítulo 23). Para tanto, Jesus os instrui a respeito da nova realidade em que vivem, o Reino dos Céus. Uma vez instruídos, ele os envia como novos escribas para que anunciem a nova realidade (VOS, 2005, 12).

2 ESCRIBAS DO REINO DOS CÉUS

Quem eram os escribas quando da chegada da nova realidade, o Reino dos Céus? Quais algumas das abordagens de Mateus quanto aos escribas e como elas apontam para a formação de novos escribas para a nova realidade?

⁶ Há uma discussão se o início do quinto discurso está no capítulo 23 ou no capítulo 24. Entendo que ele inicia no capítulo 23, concordando com os argumentos de Combrink, H. J. Bernard. “Shame on the Hypocritical Leaders in the Church,” in *Fabrics of Discourse*. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 2003; páginas 1-35; e Hood, Jason. “Matthew 23-25: The Extent of Jesus’ Fifth Discourse,” *Journal of Biblical Literature* 128/3 (2009); páginas 527-543. Para uma opinião diferente, veja: Simmonds, Andrew R., “‘Woe to You ... Hypocrites!’ Re-reading Matthew 23:13-36,” *Bibliotheca Sacra* 166/663 (2009); páginas 336-349; e Smith, Daniel A., “Matthew and Q, the Matthean Deployment of Q and Mark in the Apocalyptic Discourse,” *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 85/1 (2009); páginas 99-116.

Encontramos referências aos escribas nos dois Testamentos. Em Jz 5.14, há versão da LXX que lê ספר as como סֹפֵר, “escriba”, aplicando o termo a alguém que possuía uma posição militar importante (EASTON, 1893, p. 608). Em outros textos do Antigo Testamento os escribas aparecem como pessoas a serviço dos reis que, entre outras atividades, deveriam registrar seus decretos (2Sm 8.17; 20.25; 1Rs 4.3;⁷ 2Rs 12.9-11; 18.18-37;⁸ 1Cr 18.16; 24.6). Também, entende-se que Baruque, filho do escriba Nérias (Jr 36.32), ao servir de secretário para o profeta Jeremias (Jr 36.4, 18, 32), desempenhou uma tarefa própria de escribas.⁹

Após o exílio babilônico, os escribas passam a exercer uma função ligada à preservação dos registros sagrados, através da cópia, estudo e ensino desses registros ao povo. Estavam, portanto, próximo dos sacerdotes, na esfera religiosa, e cumpriam, também, o papel de juízes. Esdras, por exemplo, além de sacerdote, é apresentado como escriba (Ne 8.1, 4, 9, 13). Ele é descrito como alguém que era movido por três propósitos: “buscar a Lei do SENHOR, cumpri-la e ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10).

⁷ Neste versículo, “escribas” foi traduzido por “secretários” pela NAA. Assim, observa-se que havia diferença entre os “escribas/secretários” Eliorefe e Aías e o “cronista” Ailude.

⁸ Sebna é apresentado como “o escrivão”, e atua como membro da comitiva que representou o rei Ezequias nas tratativas com Rabsaqué e os outros dois representantes do rei da Assíria. O que revela alta influência dos escribas em assuntos de Estado.

⁹ Para este parágrafo e os seguintes, cf. Easton, op cit., págs. 608s, e Tidball, Derek, *Ministério segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011; pág. 26s.

Conforme Joaquim Jeremias, esse é o tipo de escriba que temos no Novo Testamento (JEREMIAS, 1983, 317). Alguns sacerdotes também eram escribas (como foi o caso de Esdras, no Antigo Testamento), e a maioria dos escribas era da seita dos fariseus. Inclusive, todos os fariseus membros do Sinédrio eram escribas (JEREMIAS, 1983, 162 [cf. nota 56] e 321s [cf. nota 47]). Como guardiães das tradições, marcados pela cegueira espiritual que os impedia de reconhecer o novo tempo iniciado com a manifestação do Reino dos Céus, a maioria dos escribas presentes nos Evangelhos é descrita como oposição a Jesus.

Porém, no Novo Testamento há sinais de escribas que se abrem para a mensagem do Reino. Por exemplo: em Mt 8.19, um escriba manifesta o desejo de ser discípulo de Jesus; em Jo 3, Nicodemos, fariseu, membro do Sinédrio, busca a Jesus, e, em Jo 19, junto com José de Arimateia, também membro do Sinédrio, discípulo de Jesus e que votou contra a condenação de seu mestre (cf. Mt 27.57; Mc 15.42,43; Lc 23.50,51), auxilia a retirar o corpo de Jesus da cruz e a sepultá-lo; em At 5.34-39, o pronunciamento de Gamaliel, fariseu, membro do Sinédrio, reconhece haver uma possibilidade dos apóstolos serem servos de Deus.

Portanto, como Derek Tidball reconhece, “O fato de haver tantos representantes ruins dos mestres da lei ao redor não torna o modelo inerentemente inutilizável e Mateus procura reabilitá-lo para a igreja cristã” (TIDBALL, 2011, p. 27). Após essa afirmação, Tidball descreve como Mateus aplica a ideia de novos escribas para

a nova realidade do Reino dos Céus (TIDBALL, 2011, pp. 27-39). Inclusive, reconhece Tiago, o autor da carta neotestamentária, como um modelo do escriba descrito por Mateus (TIDBALL, 2011, p. 185).

Embora concordemos com muito do que Tidball escreveu aplicando a figura do escriba para a realidade da Igreja, entendemos que ele limitou a aplicação quando a restringiu à figura pastoral, pois nos dias de Jesus, os escribas não estavam limitados a figuras que exerciam função meramente religiosa. Também é interessante observarmos que Mateus parece sugerir outras conexões entre a formação de escribas e a resposta que ele espera das pessoas que leem o seu Evangelho.

Por exemplo, nos tempos do Novo Testamento, embora houvesse escribas sacerdotes e outros que ocupavam cadeiras no Sinédrio, havia também outros escribas nas camadas mais pobres da sociedade, sendo que alguns exerciam diferentes profissões (JEREMIAS, 1983, pp. 161, 163, 164 e 166). Conforme pesquisa de Joaquim Jeremias, o período do Novo Testamento experimentava o início da ascensão da classe dos escribas, a qual, originalmente, não podia receber pelo seu serviço de ensino da Palavra; passando a receber quando os escribas começaram a acumular cargos remunerados como o de sacerdote, mestre ou juiz (JEREMIAS, 1983, pp. 159s e 164).

Ao observarmos esses destaques de Jeremias, reconhecemos que os escribas no período do Novo Testamento eram

tanto pessoas que viviam exclusivamente a vida religiosa, à semelhança dos atuais pastores de tempo integral, como também profissionais de diferentes áreas e, inclusive, pessoas pertencentes aos níveis sociais mais baixos. Porém, algo os unia: o amor pela Palavra, para praticá-la e ensiná-la.

Assim, quem lê o Evangelho de Mateus é desafiado a ser um escriba melhor do que os escribas contemporâneos de Jesus (Mt 5.20s), e é ensinado por um mestre superior aos escribas de seu tempo (Mt 7.28s). Como os escribas de seu tempo, Jesus tem discípulos (Mt 5.1, entre outros textos). No entanto, os seus discípulos eram instruídos para serem escribas versados no Reino dos Céus (Mt 13.57). Ao serem discipulados pelo escriba Jesus, eles poderiam ser, um dia, reconhecidos como escribas, conforme a tradição de sua época (JEREMIAS, 1983, p. 320).

No primeiro envio de seus discípulos, Jesus orientou para que não aceitassem pagamento e impôs restrições semelhantes às que eram feitas aos discípulos dos escribas (Mt 10.8-10; cf. JEREMIAS, 1983, pp.159s). Ao ensinar, Jesus falava para grandes multidões, mas reservou esclarecimentos e ensinamentos especiais para os seus discípulos, em particular (Mt 13.1-52, por exemplo), assim como os escribas formavam os seus discípulos naqueles dias com conversas reservadas (JEREMIAS, 1983, p. 326).

Observe que nos dois parágrafos anteriores citamos versículos dos três primeiros discursos de Jesus em Mateus. No quarto discurso, encontramos mais uma relação entre os discípulos

de Jesus e os escribas de seu tempo. Conforme Jeremias, os discípulos dos escribas, após todo um período de formação, atingindo 40 anos de idade, poderiam, uma vez recebendo a ordenação, fazer parte do grupo seletivo que tinha autoridade para, individualmente ou como membro de uma corte, atuar como juiz. Quando assim agiam, ao declararem o seu veredito, ligavam ou desligavam em relação a Deus a pessoa que estava sendo julgada (JEREMIAS, 1983, pp. 320s).

Jesus confere essa autoridade aos seus discípulos, em Mt 18.15-20 (com destaque para o vs. 19). Porém, diferentemente dos escribas de seu tempo, os discípulos de Jesus não tinham autoridade para individualmente ligar ou desligar. Era necessário ao menos dois ou três deles; seguindo o princípio do número mínimo de testemunhas para a pena capital, em Dt 17.6 e 19.5.

Quanto ao quinto discurso, vemos que Jesus repreende os escribas e fariseus em Mt 23.13-36.¹⁰ No entanto, é importante observarmos que, enquanto Jesus proferia duras palavras contra os escribas e fariseus, a sua audiência era composta de pessoas das multidões e seus discípulos (Mt 23.1). Assim, nos primeiros versículos, escribas e fariseus são a “terceira pessoa” do discurso, pois eles não estavam presentes (Mt 23.2-12). A partir do versículo 13, Jesus se dirige aos escribas e fariseus como se estivessem presentes, usando a figura retórica da apóstrofe.

¹⁰ Quanto ao quinto discurso iniciar no capítulo 23, veja nota 8, acima.

Esta “figura é assim chamada quando o orador deixa o auditório real a quem ele está se dirigindo e fala a um auditório imaginário. É uma interrupção repentina do discurso, desviando-o para uma nova pessoa ou coisa” (BULLINGER, 1898, p. 901 – nossa tradução). Esse recurso pode ser utilizado para que as palavras ditas às pessoas ausentes sirvam de lição para aquelas que estão presentes.

Note como Tidball (2011, p. 36 – grifo nosso) comenta o conteúdo das palavras de Jesus aos escribas e fariseus, em Mt 23:

Jesus, nos termos mais incisivos, denuncia tanto os mestres da lei quanto os fariseus que eles serviam, pronunciando sete maldições sobre eles (“Ai de vós”: 23.13,15-16,23,25,27,29) e identifica nove tentações a que eles sucumbiam por atacado, é no final de suas denúncias que Jesus fala do envio de um grupo alternativo de “profetas, sábios e escribas” (23.34). Apesar de suas denúncias não se aplicarem a este grupo alternativo, não é sensato eles pensarem que estão imunes às tentações dos escribas que estão substituindo. *Então, as palavras de Jesus servem aos escribas do reino como um alerta discernente sobre as armadilhas que eles devem evitar.* Aqui, não é apenas a cirurgia radical que remove um câncer, mas também a medicina preventiva, que protege contra uma rebrota dessas células destrutivas.

Ao fazer esse comentário, porém, ele limita a aplicação ao ministerial pastoral, quando Jesus está se dirigindo às multidões e aos seus discípulos (TIDBALL, 2011, p. 36). Ainda que, em Mateus, a expressão “discípulos” pareça se limitar ao grupo dos doze, no final do Evangelho, após serem instruídos por Jesus em todos os ensinamentos (Mt 26.1), o Jesus ressurreto ordena que eles “façam discípulos de todas as nações, [...] ensinando-os a guardar todas as coisas” (Mt 28.19,20) que ele lhes havia ordenado.

Com essas informações, podemos ler o Evangelho de Mateus como um curso para a formação de novos escribas para a nova realidade. Escribas instruídos no Reino dos Céus (Mt 13.52), cuja justiça excede à dos escribas e fariseus do primeiro século da era cristã (Mt 5.19,20), novos escribas enviados para anunciar a Palavra do Senhor (Mt 23.34).

Como faremos essa leitura? Observando que Mateus posicionou os cinco discursos de Jesus entre os relatos de nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus. Quando os discípulos se reuniram ao redor de Jesus, ele faz o primeiro discurso expondo como eles deveriam viver para desfrutar da nova realidade (entrar no Reino, Mt 5.20).¹¹ Quando Jesus observa as multidões precisando saber que a nova realidade chegou, ele envia os discípulos para um estágio prático (Mt 9.35 – 10.5). Após a primeira experiência, ele ensina sobre o Reino dos Céus e as possíveis respostas à mensagem (Mt 13.1-52). Preparando para a vida da comunidade dos discípulos, que seria formada pelas pessoas que acolhessem a mensagem do Reino dos Céus, Jesus fala sobre princípios de humildade e perdão que devem nortear a vida em comunidade (Mt18). E, por fim, alertando quanto à perseguição e incentivando a perseverança, temos o último discurso, em que o

¹¹ France, R.T. *The Gospel of Matthew* (The new international commentary on the New Testament). Grand Rapids: Eerdmans, 2007, pág. 154, descreve o discurso como um todo como “um guia de vida [...] para aqueles que estão comprometidos com o reino dos céus”. (nossa tradução).

contraste com os escribas e fariseus de seu tempo é retomado (Mt 23-25).

A pessoa que lê o Evangelho será conduzida passo a passo para conhecer a Jesus e os seus ensinamentos. Tornando-se discípula de Jesus, ela será incluída no grupo de novos escribas para a nova realidade. Chegando ao final do Evangelho, é comissionada por Jesus para fazer novos discípulos, novos escribas para a nova realidade.

Quanto ao ensino de novos discípulos, Scot McKnight observa que, ao compararmos o resumo das atividades de Jesus em Mt 4.23 e Mt 9.35, três verbos se repetem: διδάσκω, κηρύσσω e θεραπεύω (ensinar, anunciar [o Reino dos Céus] e curar). Porém, ao enviar os doze discípulos em Mt 10, Jesus os capacita somente para κηρύσσω e θεραπεύω (anunciar [o Reino dos Céus] e curar). Por que a omissão de διδάσκω (ensinar)? Ele responde:

Certamente Mateus, como cuidadoso escritor que era, não esqueceu que Jesus também ensinava (4.23; 9.35). Provavelmente a omissão é um resultado de Jesus saber que os discípulos ainda não estavam suficientemente informados para serem mestres. Portanto, eles precisavam ser preparados. Apesar de Jesus indicar que um dia seus discípulos ensinariam (cf. 13.51-52), isto não aconteceria até que todo o ensino de Jesus tivesse sido exposto, sua paixão tivesse sido suportada, sua ressurreição tivesse sido experienciada e sua ascensão estivesse para acontecer, que ele finalmentealaria aos discípulos que eles são mestres – para ensinar o que Jesus ordenou (28.16-20) (MCKNIGHT, 2012, pp. 19-20, nossa tradução).

Portanto, Jesus preparou os novos escribas para ensinarem a respeito da nova realidade do Reino dos Céus e os enviou para

fazerem novos discípulos seus, novos escribas. Quando lemos Atos dos Apóstolos, encontramos os discípulos, com exceção dos apóstolos, partindo de Jerusalém, em At 8.2ss e 11.19ss, anunciando o Evangelho de Jesus.¹² Não são poucas as histórias de expansão do Evangelho e formação de novas comunidades cristãs realizadas por pessoas não ordenadas.

Reconhecendo que vivemos a nova realidade do Reino dos Céus, aguardando a sua plena manifestação na volta gloriosa do Senhor Jesus, e reconhecendo que tanto pastores como todos os demais discípulos são chamados a serem novos escribas, conforme os ensinamentos de Jesus, vejamos algumas consequências para o ministério pastoral.

3 CONSEQUÊNCIAS PARA O MINISTÉRIO PASTORAL

Quer queira quer não, quando alguém participa do ministério pastoral, assume a função de um escriba, semelhante à dos escribas do início da era cristã. A questão é se será um bom escriba ou um mau escriba. Encontramos uma descrição de maus escribas em Mt 23.13-36. Escribas que cedem às tentações da ostentação, buscam por *status*, exercem o autoritarismo, o casuísmo, o legalismo, a hipocrisia, o profissionalismo e a inconsistência (TIDBALL, 2011, pp. 37s). Alguns, hoje, podem também cair no erro de assumirem a função do “faz-tudo”, atendendo a expectativa

¹² Quando lemos At 11.20,21, logo lembramos de Ed 7.9 e somos convidados a perguntar: Lucas teria escolhido essas palavras para descrever os discípulos dispersos como escribas?

de uma comunidade local ou, do seu próprio coração. Em qualquer uma dessas possibilidades, revelam desconhecimento das Escrituras.

À luz do que vimos no Evangelho de Mateus, os escribas que se relacionaram com o Senhor Jesus poderiam ser descritos como maus escribas. Isso, tanto pela omissão como pela má atuação.¹³ Quanto à má atuação, Mateus não registra sequer um escriba aceitando ser discípulo de Jesus. Antes, os escribas em Mateus não reconheceram Jesus como Messias, procuraram causar dificuldades em seu ministério e participaram do grupo que o condenou à morte.

Assim, o único bom escriba no Evangelho de Mateus é Jesus. Mesmo que ele não seja receba o título de escriba, podemos destacar, entre outros exemplos, que ao terminar o seu primeiro discurso, sua forma de ensinar é comparada com a dos escribas (Mt 7.28,29). Ainda, na introdução ao primeiro e ao terceiro discursos, Mateus destaca que Jesus se assentou para ensinar, como um escriba (NOLLAND, 2005, p. 193). E, em seu último discurso, ele a si mesmo se chama de Mestre e Guia (Mt 23.8,10), papéis de um escriba.

Como vimos, em seu último discurso Jesus afirma que enviaria “profetas, sábios e escribas”. A expressão pode ser

¹³ A omissão está implícita quando respondem a pergunta de Herodes sobre o local do nascimento do Rei dos judeus, mas não se dirigem para Belém (Mt 2.3-12). A má atuação fica explícita em todas as demais referências aos escribas; exceto a que temos em Mt 8.19,20, quando um escriba expressou o desejo de seguir a Jesus. A ausência da reação desse escriba à resposta de Jesus não indica que ele não seguiu. A ausência da reação é um recurso retórico para que a pessoa que lê ou ouve o texto responda com sua vida as palavras de Jesus.

entendida como uma hendíatris¹⁴: “escribas que com sabedoria proclamariam a mensagem do Senhor”. Uma vez que Jesus é o único bom escriba em Mateus, conclui-se que, para ser um bom escriba é imprescindível ser discípulo de Jesus.

Assim, o reconhecimento de que Jesus é o Cristo, que nele se cumprem as promessas feitas a Abraão e a Davi (Mt 1.1), é um primeiro passo para ser um bom escriba. Outros passos: o reconhecimento do pecado, que só pode ser perdoado pelo sacrifício de Jesus (Mt 1.21; 26.27,28) e a plena consagração a Jesus (Mt 4.18-22; 9.9; 10.37-39 e Mt 16.24,25).

Ainda, compreender que realizar obras em nome de Jesus ou saber os seus ensinamentos não é o suficiente para ser um bom escriba (Mt 7.22,23,26,27). Para ser um bom escriba, é necessário praticar a vontade de Deus ensinada por Jesus (Mt 7.21,24,25). É preciso praticar e ensinar (Mt 5.19).

Para tanto, é preciso que o discípulo de Jesus anuncie o Reino dos Céus. Enquanto anuncia, ele observará as diferentes respostas à mensagem, aprenderá a viver na comunidade dos que responderem positivamente à mensagem, e junto com os outros discípulos aguardará a volta do Senhor Jesus, vigiando ativamente,

¹⁴ Para uma definição de hendíatris, veja Kaiser Jr., Walter C. “De Boas Palavras Transborda o Meu Coração’: O Sentido da Poesia e da Sabedoria”, in *Introdução à Hermenêutica Bíblica: Como Ouvir a Palavra de Deus Apesar dos Ruídos de Nossa Época*, 3ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, pág. 92.

aplicando os seus talentos para abençoar as vidas dos menos favorecidos.¹⁵

Conforme for aprendendo e praticando os ensinamentos de Jesus, o discípulo tem condições de fazer outros discípulos de Jesus. Em outras palavras, de ser um bom escriba. Um novo escriba (um escriba cristão) para a nova realidade (o Reino dos Céus). Dessa forma, diante do desafio que Mateus registra no final do Evangelho, ele deixará claro que crê na ressurreição de Jesus ao obedecer a ordem de fazer discípulos.¹⁶

Quem pode fazer parte desse grupo de novos escribas? Somente os pastores ordenados?

Quando observamos a classe dos escribas nos tempos de Jesus, aprendemos que havia escribas sacerdotes e escribas membros do Sinédrio, mas havia escribas nas camadas mais pobres da sociedade e escribas que exerciam profissões para seu sustento, enquanto ensinavam os seus discípulos.

À luz de Mateus, todo discípulo de Jesus será um novo escriba. Comparando com os escribas da época de Jesus, uns serão ministros ordenados, outros serão líderes da Igreja (Presbíteros, Diáconos ou líderes de forças de integração/ministérios), além dos

¹⁵ Resumimos nesse parágrafo os ensinamentos do segundo ao quinto discurso de Jesus em Mateus, como um curso prático de discipulado cristão.

¹⁶ Ao terminar o seu Evangelho, Mateus expõe duas versões para a ausência do corpo de Jesus no túmulo: a ressurreição e o roubo do corpo. Antes das últimas palavras, afirma que quando os onze discípulos viram a Jesus ressuscitado, uns “o adoraram; mas alguns duvidaram” (Mt 28.17). Quem crer obedecerá a ordem de fazer discípulos dada pelo ressuscitado.

membros da igreja local que desempenharão os mais diferentes papéis na sociedade.

O ensino desses escribas acontece no púlpito, nas aulas de Escola Dominical, em reuniões formais da igreja, em momentos informais, no aconselhamento formal (em gabinetes) e no informal, nos lares, no trabalho ou no lazer.

A responsabilidade primeira, é claro, está nas mãos dos pastores, que deverão passar pelo preparo teológico. Porém, a eles cabe a supervisão do ensino e da formação de outros escribas, que não terão a mesma formação que eles, mas serão capacitados para transmitir o ensino do Senhor Jesus.

Muito tem sido escrito a respeito do ministério pastoral. Entre os clássicos do Cristianismo, temos o “Manual pastoral de discipulado”, Richard Baxter. Esse livro mantém boa parte do trabalho original de Baxter,¹⁷ que explica At 20.28 e aplica ao momento em que vivia na Inglaterra no século 17, provocando quem lê a responder ao chamado pastoral com dedicação e integridade, reconhecendo que o pastorado começa antes do púlpito (“atendei por vós”) e vai além do púlpito, devendo alcançar as casas dos membros (“e por todo o rebanho”).

Em um dos momentos, ele afirma:

Tenho visto que algumas pessoas ignorantes, ouvintes sem proveito, obtêm maior conhecimento e peso de consciência depois de meia hora de conversa particular do que tiveram em dez anos de exposição à

¹⁷ Observar o prefácio de William Brown que explica a edição do material original, dois séculos depois, suprindo material que dizia respeito mais à época de Baxter e alterando a posição de uns poucos capítulos.

pregação pública. [...] Concluo, portanto, que a pregação pública, ainda que seja um meio efetivo para a conversão de muitos, não pode estar isolada da pregação particular (BAXTER, 2014, p. 173).

Sim, o ministério pastoral vai além do púlpito. Precisa chegar ao indivíduo, seja no seu lar, seja no seu trabalho ou em algum outro espaço em que o pastor tenha o contato pessoal com o membro. A visitação, principalmente em grandes centros urbanos, tem sido abandonada. Para agravar, o púlpito presencial é substituído por mensagens *on-line*. Sem o contato pessoal não há a formação de discípulos, não há a formação de novos bons escribas.

O contato, às vezes, não será direto com o Pastor. Dependendo do número de membros, o Pastor precisará da participação de auxiliares, sejam os Presbíteros, sejam outros escribas. Mas ele deverá acompanhar esses auxiliares. Colin Marshall e Tony Payne apresentam uma interessante proposta para a condução de uma igreja onde o Pastor não é o “faz-tudo”.¹⁸ Observe os assuntos tratados em três dos doze capítulos do livro que escreveram: “Todo cristão é um trabalhador de videira?” (capítulo 4), “Por que os sermões de domingo são necessários mas não suficientes?” (capítulo 8), e “Multiplicando o crescimento do evangelho através do treinamento de cooperadores” (capítulo 9).

Em seu livro, eles alertam para o perigo de o Pastor dedicar muito tempo para a organização estrutural (o que eles chamam de “treliça”) em detrimento do cuidado com as pessoas (o que eles

¹⁸ Marshall, Colin e Payne, Tony. *A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo*. São José dos Campos: Fiel, 2016.

chamam de “videira”). Esse livro fez tanto sucesso descrevendo uma prática do ensino bíblico (e, portanto, milenar) para igreja local, que provocou centenas de viagens ao redor do mundo para palestrarem, e resultou num segundo livro, procurando orientar os pastores a aplicarem os princípios de uma igreja discipuladora em suas diferentes comunidades locais.¹⁹ Ou seja, formar novos escribas para a nova realidade do Reino dos Céus.

Destacamos outros dois autores que nos chamam a atenção para o trabalho do escriba indo além do realizado pelo Pastor. Primeiro, Robert W. Kellemen. Este autor faz excelentes conexões entre as principais doutrinas cristãs e o aconselhamento. Mas, diferentemente de outros autores que escrevem sobre aconselhamento pastoral, ele mostra como aplicar textos como Cl 3.16 (“Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês. Instruam e aconselhem-se mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão no coração”) ao aconselhamento.²⁰

Ou seja, para Kellemen o aconselhamento não é uma tarefa exclusiva dos líderes ordenados, mas de toda a comunidade, em especial de pessoas treinadas e capacitadas para desempenharem esse importante papel na comunidade. Se fôssemos usar o título desse artigo, diríamos que, para Kellemen, a comunidade cristã

¹⁹ Marshall, Colin e Payne, Tony. *Projeto videira: cultivando uma cultura de discipulado*. São José dos Campos: Fiel, 2019.

²⁰ Kellemen, Robert W. *Aconselhamento segundo o Evangelho*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

precisa ser treinada para bem exercer uma das funções do escriba: aconselhar conforme as Escrituras.

Por fim, Karen B. Tye, reconhecida educadora cristã, enfatiza que o ensino cristão não ocorre somente através do púlpito ou de outros momentos formais da igreja. Ela reconhece, também, que o ensino não é feito somente pelos Pastores e pelos professores da Escola Dominical. Cada cristão, onde estiver, pode e deve desempenhar o ensino. Sejam os pais com os seus filhos, seja o jovem ou a criança entre seus amigos, seja o profissional em seu local de trabalho, enfim, todo cristão, onde estiver, tem que estar preparado para ensinar a Palavra.²¹ Em outras palavras, os escribas ordenados devem preparar os outros escribas para bem desempenharem a sua tarefa onde estiverem.

CONCLUSÃO

Sim, o ministério pastoral encontra novos desafios em cada época. Quando da encarnação do Senhor Jesus, os escribas do povo de Deus não compreenderam a nova realidade do Reino dos Céus presente entre nós. Conforme o Evangelho de Mateus, eles reagiram de forma negativa ao Senhor Jesus e à sua mensagem.

Assim, durante o seu ministério, Jesus começou a preparar novos escribas para essa nova realidade: os seus discípulos. E, após a ressurreição, ele os enviou para fazerem novos discípulos (novos escribas) em todas as nações.

²¹ Tye, Karen B. *Diretrizes para o ensino na igreja local*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. Veja, especialmente, o capítulo 3 (“Onde educamos”).

Nós somos o resultado dessa ação divina. Nós que fazemos parte da Igreja do Senhor Jesus. Nós que somos discípulos do Senhor Jesus desempenhamos o papel de novos escribas, hoje. Porém, nós Pastores, quando deixamos nos envolver pela cultura presente ou pelas muitas atividades do ministério, passamos a ser maus escribas. Os membros da igreja, quando agem como consumidores ou como plateia, passam a ser maus escribas.

Para que isso não aconteça, é importante que os escribas procurem ser bons escribas. Bons escribas reconhecem que devem se submeter ao senhorio de Jesus. Bons escribas buscam aprender a Palavra de Deus, para que ela habite neles, a fim de participarem do ensino e aconselhamento mútuos.

Um Pastor-bom escriba reconhece que sua atuação vai além do púlpito. Investe no discipulado de seus membros. Participa da formação de discipuladores. Sonha e trabalha por uma comunidade discipuladora, onde o ensino não fica restrito à responsabilidade de uns poucos líderes, mas se estende por toda a comunidade. Comunidade formada por novos escribas que vivem e anunciam a nova realidade do Reino dos Céus.

Um Pastor-bom escriba aplica no seu ministério a exortação do escriba cristão do primeiro século: “E o que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas, isso mesmo transmita a homens fiéis, idôneos para instruir a outros.” (2Tm 2.2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAXTER, Richard. **Manual pastoral de discipulado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

BULLINGER, Ethelbert William. **Figures of speech used in the Bible**. London; New York: Eyre & Spottiswoode; E. & J. B. Young & Co, 1898.

CIAMPA, Roy E. “Learning from Joseph’s Righteousness (Matthew 1:19)”, in **Devotions on the Greek New Testament: 52 Reflections to Inspire & Instruct**, org. Verlyn D. Verbrugge e Scott J. Duvall. Grand Rapids: Zondervan, 2012; página 15.

COMBRINK, H. J. Bernard. “Shame on the Hypocritical Leaders in the Church,” in **Fabrics of Discourse**. Harrisburg, PA: Trinity Press International, 2003; páginas 1-35.

D’ARAÚJO Filho, Caio Fábio. **Novos ministros para uma nova realidade**. Brasília: Editora Sião, 1987.

EASTON, M. G. **Illustrated Bible Dictionary and Treasury of Biblical History, Biography, Geography, Doctrine, and Literature**. New York: Harper & Brothers, 1893.

FRANCE, R.T. **The Gospel of Matthew** (The new international commentary on the New Testament). Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

HOOD, Jason. “Matthew 23-25: The Extent of Jesus’ Fifth Discourse,” in **Journal of Biblical Literature** 128/3 (2009); páginas 527-543.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

KAISER Jr., Walter C. “De Boas Palavras Transborda o Meu Coração’: O Sentido da Poesia e da Sabedoria”, in **Introdução à**

Hermenêutica Bíblica: Como Ouvir a Palavra de Deus Apesar dos Ruídos de Nossa Época, 3ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

KELLEMEM, Robert W. **Aconselhamento segundo o Evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

MARSHALL, Colin e PAYNE, Tony. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

_____. **Projeto videira: cultivando uma cultura de discipulado**. São José dos Campos: Fiel, 2019.

MCKNIGHT, Scot. “Extending Jesus (Matthew 4:23; 9:35; 10:1”, em Duvall, J. Scott e Verbrugge, Verlyn D., orgs., **Devotions on the Greek New Testament: 52 Reflections to Inspire & Instruct**. Grand Rapids: Zondervan, 2012, págs. 18–20.

NOLLAND, John. **The Gospel of Matthew: a commentary on the Greek text**, New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2005.

NOVA ALMEIDA ATUALIZADA, tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Revista e Atualizada, 3ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

SIMMONDS, Andrew R., “‘Woe to You ... Hypocrites!’ Re-reading Matthew 23:13-36,” in **Bibliotheca Sacra** 166/663 (2009); páginas 336-349.

SMITH, Daniel A., “Matthew and Q, the Matthean Deployment of Q and Mark in the Apocalyptic Discourse,” in **Ephemerides Theologicae Lovanienses** 85/1 (2009); páginas 99-116.

TIDBALL, Derek, **Ministério segundo o Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

TYE, Karen B. **Diretrizes para o ensino na igreja local.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

VOS, Geerhardus. **O Reino de Deus e a Igreja.** Goiânia: Logos Editora, 2005.

ABSTRACT

Among the characteristics of the Gospel of Matthew when compared with the other Gospels, we have the use of the expression “Kingdom of Heaven” and a different use of the term “scribe”. There are those who understand that Jesus was referring to the pastoral ministry when he spoke of “a scribe instructed in the kingdom of heaven”. However, this article shows that every disciple of Jesus is a “scribe instructed in the Kingdom of Heaven” and introduces some consequences of this interpretation for pastoral practice.

KEYWORDS

Gospel of Matthew; Kingdom of Heaven; scribe; pastoral ministry.